

VISÕES CARIOCAS SOBRE O ESPORTE E A CIDADE: UMA VIAGEM PELAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DO JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)

CARIOCA VISIONS ABOUT SPORT AND THE CITY: A TRIP THROUGH THE SPORTS CHRONICLES OF JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)

André Alexandre Guimarães Couto*

RESUMO

O trabalho apresenta um panorama geral sobre as crônicas esportivas do *Jornal dos Sports*, publicadas na década de 1950. O período enseja uma trajetória de consolidação da crônica esportiva brasileira que desde a década anterior apresentava indícios de que este estilo narrativo se tornava um elemento imprescindível ao jornalismo impresso, principalmente por conta da “competição” com o rádio. Desta forma, a subjetividade e os usos dos sentimentos nos textos destes autores criavam laços identitários específicos destes cronistas com o jornal em questão e deste com os seus respectivos leitores. O *Jornal dos Sports*, então, possibilitava a conformação de uma variedade de estilos narrativos e de origens sociais e profissionais de seus cronistas, tornando o próprio periódico um veículo peculiar na missão de publicizar e criar representações sobre o esporte de forma geral (em especial o futebol) e a cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Jornal dos Sports; Crônicas esportivas; Imprensa esportiva.

ABSTRACT

The paper presents an overview of the sports chronicles of the *Jornal dos Sports*, published in the 1950s. The period provides a path of consolidation of the Brazilian sporting chronicle that since the previous decade has shown signs that this narrative style became an essential element to printed journalism, mainly because of the «competition» with the radio. In this way, the subjectivity and the uses of the feelings in the texts of these authors created specific identity bonds of these chroniclers with the newspaper in question and of this with their respective readers. The *Jornal dos Sports*, then, allowed the formation of a variety of narrative styles and social and professional backgrounds of its chroniclers, making the journal itself a peculiar vehicle in the mission to publicize and create representations about the sport in general (especially the football) and the city of Rio de Janeiro.

Keywords: *Jornal dos Sports*; Sports chronicles; Sports Press.

* Professor e historiador do CEFET/RJ, Doutor em História (UFPR), integra como pesquisador o SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O presente artigo tem a proposta de apresentar um panorama geral sobre a produção das crônicas esportivas no *Jornal dos Sports (JS)* na década de 1950, a partir da análise de seus autores, ou seja, de seus principais cronistas que atuavam neste periódico.¹ O estudo das mesmas nos permite ter uma visão mais global e complexa acerca dos principais assuntos que eram publicizados pelos cronistas do jornal. O universo esportivo carioca, apesar de amplo e heterogêneo, era mapeado por estes autores/cronistas com uma série de textos que tinham vários objetivos, a saber: a possibilidade de aperfeiçoamento ou desenvolvimento de seus respectivos estilos narrativos, a contribuição no processo de fidelização dos leitores com o jornal e a valorização das vendas do mesmo e, bem importante, a criação de representações (inter)subjetivas acerca do esporte e da própria cidade do Rio de Janeiro. Cabe lembrar que estes textos eram construídos em uma conjuntura de plena convivência com um importante veículo de comunicação (inclusive para o campo esportivo): o rádio. Portanto, os cronistas, dos quais alguns já participavam de programas esportivos, adotavam uma narrativa cada vez mais voltada para o uso das emoções e dos sentimentos individuais e coletivos em seu respectivo ofício.

Mais adiante poderemos observar como os diferentes estilos narrativos e discursivos conviviam nas páginas dos jornais, aperfeiçoando não apenas uma identidade cultural e jornalística da produção do jornal/empresa, mas criando várias delas. Para tanto, nossa análise trabalhou com uma classificação de quatro grandes grupos de cronistas: o dos escritores/literatos/eruditos; o dos jornalistas/repórteres mais experientes no próprio periódico; o dos cronistas polemistas e o das mulheres autoras/cronistas. É justamente nesta diversidade de estilos e identidades narrativas acerca do esporte que podemos compreender como é um equívoco acreditar que o sucesso do *JS* caberia quase exclusivamente à direção do jornalista Mário Rodrigues Filho, quanto mais a ideia de que a imprensa esportiva fora recriada por este. Não podemos deixar de lado a capacidade de criar textos criativos e também de dirigir e editar o *JS* desde 1936, além de outras iniciativas de Mário Filho como em *O Globo*,

por exemplo (SILVA: 2006). O que contestamos aqui e em outros trabalhos é a visão monolítica da atuação da imprensa esportiva carioca, tornando-a quase uma produção individual de um homem. A visão mítica de Mário Filho acerca do futebol brasileiro alimenta a interpretação igualmente mítica de que a imprensa esportiva teria sido reinventada por este jornalista.

Cabe informar que o grau de criatividade e imaginação utilizado nas crônicas esportivas do *JS*, assim como em outros jornais pode ser historicizado não apenas pela capacidade discursiva de seus respectivos autores, mas muito também pela habilidade de compreender o campo esportivo e comunicacional de seu tempo. Ou seja, cabe também lembrar, como já apontamos, que o rádio e seus programas esportivos (cobertura e comentários acerca dos jogos de futebol, por exemplo) eram o espaço ideal para proliferar momentos de paixão e emotividade envolvendo o esporte. Desta forma, a conjuntura do rádio na década de 1950 possibilitava um aumento na dose de subjetividade e de interpretação pessoal dos atores da área de comunicação acerca dos eventos esportivos, culturais e artísticos.² A crônica impressa, por sua vez, deveria acompanhar este ritmo de envolvimento emotivo e subjetivo e procurar dialogar com os leitores de uma forma mais pessoal e direta.

Tratando desta relação entre rádio e jornais, podemos apontar alguns momentos de embate, apesar de observarmos muito mais aproximações do que distanciamentos entre estes dois *locus* de atuação jornalística.³ Um exemplo desta relação discursiva entre os dois veículos de comunicação pode ser visto na crônica a seguir de Mário Júlio Rodrigues.⁴

² Um trabalho que possibilita uma dimensão mais ampla do efeito do rádio na sociedade brasileira e mundial pode ser visto em KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História**. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008. Em especial o item “A oralidade, a comunicação massiva e a globalização”. P. 39-46.

³ Mesmo porque o campo jornalístico esportivo tendia a avançar com o surgimento de novos programas esportivos nas rádios. Ressaltamos, porém, que nossa pesquisa se ateu às crônicas impressas e nas possibilidades de diálogo com o veículo rádio como as propagandas dos programas radiofônicos que eram publicadas no *JS*, como a *Rádio Tupi*, por exemplo. Mas, não nos detemos diretamente com as fontes radiofônicas do período.

⁴ Mário Júlio Rodrigues nasceu em 1928, a partir do casamento de Mário Rodrigues Filho (ou simplesmente Mário Filho) com Célia Rodrigues. Ainda bem jovem trabalharia com seu pai na redação do *JS*, assinando uma coluna social do Fluminense chamada “Carnet do Fluminense”. A primeira atuação oficial de que se tem notícia data de 1946 e apenas um ano depois passaria a acumular a função de diretor de publicidade e de cronista esportivo. Ver: COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História. P. 175-176.

¹ O presente artigo tem como base a Tese “Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)”, defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A grande dúvida

Vencemos e vencemos bem. Mas, pelo jeito ou a julgar por várias e sensacionais descobertas de alguns senhores speakers e comentaristas não jogamos níquel de tostão furado. A Áustria, sim: a Áustria foi um colosso. Então o tal de Halla! E o Buzek? Que perigo o Buzek!

E nós, pobres coitados, mal passávamos do meio de campo:

- A valsa supera o samba! berrava sadicamente, de minuto a minuto, um impune cavalheiro de microfone colado a boca.

Os ouvintes? Os ouvintes dispostíssimos a entoarem o Ouviram do Ipiranga ao primeiro vestígio de goal?

Na era da televisão, do avião a jato e dos foguetes, recuamos no tempo, voltáramos a trinta e oito, dependíamos do rádio, exclusivamente do rádio, E o cavalheiro speaker, decididamente certo de seu poder absoluto, abusava, não fazia por menos:

- Outra sensacional defesa de Gilmar!

Insistente, dramático:

- Não foi, fulano?

E o fulano compenetradíssimo:

- Até agora ainda não sei como esta bola não entrou! (...) A tensão crescia, o assassinato, a sangue frio de cinquenta e tantos milhões de brasileiros estava a ponto de consumir-se. E bem que o speaker espumava, caprichando na matança inominável:

- Agora o placard dos outros jogos, senhores ouvintes!

E o fulano contentíssimo:

- A Argentina já vence a Alemanha; o Paraguai a França!

Parou aí, mas juro que pensou mais:

- Somos a vergonha das três Américas!

(...) A crônica poderia terminar aqui. E terminaria fatalmente, se não tivesse uma perguntinha a fazer:

- Será que vencemos mesmo o jogo? (RODRIGUES, 10/06/1958, p.5)⁵

Nesta crônica o autor provoca a cobertura esportiva radiofônica justamente pelo alto poder de comoção e passionalidade que as ondas do rádio poderiam provocar no público ouvinte. Lembrava, no

entanto, que a realidade poderia ser transformada em outro universo (talvez, paralelo), um mundo a parte que só a narrativa deste tipo de jornalismo poderia oferecer. A crítica do autor, todavia, poderia ser dirigida ao próprio jornal de sua família e no qual atuara também enquanto profissional. Desde sua fundação, as emoções e paixões em torno do esporte eram mote não apenas para o crescimento das vendas do jornal, mas também no trabalho de consolidar a imprensa esportiva carioca (COUTO: 2011).

Poderíamos achar que o autor diante de uma conjuntura de avanços tecnológicos e culturais na sociedade brasileira, o que nos levaria a um novo patamar de modernidade, estaria criticando o excesso de subjetividade e de leitura irreal do esporte e, no limite, da (con)vivência dos ouvintes do rádio. Cabe lembrar que nos escritórios e demais espaços de trabalho dos principais jornais dos grandes centros urbanos, os manuais de redação iniciavam sua fase de implementação e o jornalismo dito moderno experimentava a orientação da ideia de neutralidade e objetividade. De acordo com Barbosa, "(...) o que se procura construir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão" (BARBOSA: 2007, p. 150).

No entanto, Mário Júlio estaria mais preocupado em seu texto com três grandes questões: 1) sua crônica apontava para uma crítica a um possível "concorrente": o rádio e seus narradores histriônicos que exageravam na dose de passionalidade (como vimos, ignorando o que seus colegas de redação faziam ou mirando nestes últimos também); 2) ao escrever sobre a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, juntava-se a um grupo seletivo de cronistas que, em seus diferentes estilos discursivos e narrativos, tinha a missão de cobrir o evento mais importante do futebol mundial. Desta forma, era mais do que necessário, apesar de toda a sua influência familiar na empresa, moldar um estilo narrativo que pudesse consolidá-lo como um dos autores de primeira linha. Era necessário, portanto, criar polêmicas e narrar o esporte de uma forma diferenciada dos demais cronistas mais experientes; 3) finalmente, e não menos importante, Mário Júlio também faz uma severa crítica ao sentimento pessimista em relação às possibilidades de vitória da seleção brasileira no torneio mundial da FIFA. Apesar dos elogios da imprensa brasileira, como um todo, o

⁵ Para que pudéssemos desenvolver melhor este artigo, optamos, por vezes, por apresentar as crônicas incompletas, como esta aqui. Lembramos que nosso trabalho tem entre os seus objetivos compreender não apenas os temas debatidos pelos cronistas, mas também os formatos e estilos discursivos de suas narrativas.

Brasil ainda era visto com ressalvas por parte deste setor, inclusive por alguns cronistas do *JS*.⁶

Enfim, se a onda modernizadora do jornalismo do Rio de Janeiro e dos demais centros urbanos buscava a autonomização do campo jornalístico no sentido próximo da teoria de Bourdieu, podemos afirmar ao analisar centenas de crônicas esportivas do período que o caminho percorrido nesta área da imprensa era o inverso, ou seja, vemos o envolvimento subjetivo do autor com a realidade, levando o leitor a compreender o esporte e em especial o futebol por uma visão autoral e, por vezes, carregada de parcialidade, pessoalidade e emotividade. Desta forma, se existia um projeto moderno de enxergar o esporte pelos cronistas do *JS*, este ia de encontro ao que se fazia (ou mais corretamente, ao que se pretendia fazer) na chamada grande imprensa.

Podemos, então, centrar nossas atenções para uma classificação de estilos discursivos que pudemos identificar em nossa pesquisa (COUTO: 2016). Mais do que um alinhamento orgânico e homogêneo, percebemos que os grupos aqui apresentados representam uma mistura de narrativas, mas como toda a classificação, esta também é incompleta e ponderamos que ela é uma das possibilidades de análise. A defendemos, pois, além de ter partido de uma análise discursiva minuciosa das fontes, abriu caminho para conhecermos novos cronistas e suas respectivas trajetórias e interligações sociais.⁷

Dentre os procedimentos metodológicos utilizados, trabalhamos nossas fontes sob a luz da análise do discurso. Desta forma, o conceito de cena de Maingueneau nos orientou para pensarmos a produção das crônicas para além de uma conjuntura social e histórica, mas também a partir de um cenário, de uma posição específica do autor. (MAINGUENEAU: 1989, p. 34).⁸ Portanto, podemos perceber os textos na

coligação de uma visão individual e subjetiva do autor com seu determinado e específico contexto social.

Este raciocínio valoriza, de acordo com Sargentini, a capacidade ampliada de compreensão da História a partir de um conjunto de narrativas linguísticas. Para esta autora, “(...) o fato histórico é uma singularidade” e que “(...) é preciso partir da análise de tudo o que os homens puderam dizer e fazer em diversas épocas, trabalhando com uma noção de discurso ampliada, que nos leve a estudar o enunciado lingüístico (...)”. (SARGENTINI: 2010). Portanto, a análise de conteúdo deve ser levada em consideração, mas em nosso caso, o discurso é igualmente significativo. Ainda com Sargentini, devemos levar em conta “(...) também o conjunto de imagens, gestos, expressões, modos de circulação dos discursos, entre outros.” (SARGENTINI: 2010).

Pensamos, então, a partir daqui, como dividimos nosso conjunto de cronistas em quatro principais grupos de atuação. Observamos que deixamos outros autores de fora desta classificação, por conta de usarmos o critério de longevidade nas colunas do *JS*, o que não significa que os mesmos não mereçam menções eventuais já neste trabalho ou que devamos realizar um estudo mais aprofundado de suas obras. O primeiro grupo era composto por literatos e eruditos, formado por autores que já tinham experiência na área da literatura e da cultura. Outra característica importante deste grupo era de que alguns deles tinham cargos no dirigismo esportivo, político e/ou cultural. Sua legitimidade e representatividade como criadores de textos nasciam de sua formação erudita e cultural mas de seus papéis sociais e políticos no Rio de Janeiro. Deste conjunto, destacamos Manoel Vargas Netto, sobrinho de Getúlio Vargas e considerado um dos principais expoentes da poesia regionalista do Rio Grande do Sul (BRITO: 1968). Vargas Netto foi um dos mais longevos cronistas do *JS*. Fora do jornal ocupava vários cargos políticos como o de magistrado, promotor e deputado federal. Seus textos versavam sobre o lirismo do esporte e de como a disciplina e a organização do campo esportivo deveriam ser perseguidas. Tinha um estilo erudito e citava heróis e personagens míticos em suas crônicas. Vargas Netto

⁶É o caso de cronistas experientes como Everardo Lopes, presente no *JS* desde a sua fundação, ainda sob a administração de Argemiro Bulcão (1931-1936). Ver: LOPES, Everardo. Mão à Palmatória. Conversão de um descrente. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.845, 5 de julho de 1958. P. 5. Em outra crônica, por exemplo, Mário Júlio aponta os pessimistas como verdadeiros “urubus”. Ver em: RODRIGUES, Mário Júlio. Os Urubus passam fome. Mas outros engordam e tomam banho de piscina. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.825, 11 de junho de 1958. P. 4.

⁷Alguns destes cronistas não entraram na pesquisa, pois adotamos o critério de longevidade de suas colunas para podemos ter uma visão de média/longa duração ao longo da década de 1950.

⁸MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989. P. 34. De acordo com este autor: “É preciso admitir que a ‘encenação’ não é uma máscara do ‘real’, mas uma de suas

formas, estando este real investido pelo discurso. Aliás, se fosse diferente, a AD não teria razão de existir, ela seria apenas um anexo da sociologia ou da história, totalmente dedicada a mostrar como as conjunturas se traduzem em enunciados.”

foi presidente durante quase dez anos da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), além de membro efetivo do Conselho Nacional de Desportos (CND) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos (HOLLANDA: 2012). Pode ser considerado como um dos autores mais ufanistas do *JS*, ao escrever as maravilhas que o esporte nacional poderia oferecer para a formação da juventude, para a valorização da nossa identidade e do aperfeiçoamento da raça, dentre outras questões que explorou durante décadas no jornal. Além de temas nacionais relevantes, mirava nas visões sobre a cidade, dos seus respectivos times e clubes, além do comportamento de seus torcedores.

Outro expoente deste grupo era José Lins do Rego, conhecido literato, e também um dos mais frequentes cronistas do jornal. Apesar de reconhecido romancista regionalista em âmbito nacional, seus textos esportivos versavam sobre aspectos bem objetivos e pontuais dos eventos esportivos. Uma das características mais importantes dos seus textos era a brevidade em que conseguia informar suas visões sobre o esporte. Integrava o corpo de funcionários do CND (Conselho Nacional dos Desportos), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, na época sob a gestão de Gustavo Capanema (HOLLANDA: 2012, p. 93).⁹ Na década de 1950 pertenceu aos quadros da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), chegando a presidi-la de forma interina. Seus textos invariavelmente curtos exploravam os sentimentos passionais dos torcedores, em especial no que dizia respeito ao seu clube de predileção, o Flamengo. Por conta disso, abria um caminho fértil para discussões clubísticas e intersubjetivas com os seus colegas do *JS*. Adotava um tom menos ufanista e mais pragmático ao tratar das possibilidades de conquistas do selecionado brasileiro, beirando, por vezes, a reações mal-humoradas diante do excesso de confiança dos torcedores e da própria imprensa esportiva.

Finalmente, também analisamos os textos de Antonio Olinto. Sua atuação na área da cultura ao longo da carreira é vastíssima, atuando como crítico literário e de cinema, além de ter escrito uma série de livros desde 1949. Posteriormente, assumiria uma série de compromissos com ocupações governamentais

como, por exemplo, o cargo de Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas, durante o Governo Café Filho (1954), logo após o suicídio de Getúlio Vargas.¹⁰ Assim como Vargas Netto, seus textos tinham uma forte narrativa lírica, se apropriando de elementos da análise fílmica e literária para criar representações culturais e sociais sobre o esporte, em especial em momentos de Copa do Mundo da FIFA.

Percebemos, então, que este grupo de autores se enquadrava não apenas no meio cultural e literário, mas seus integrantes também ocupavam espaços significativos no dirigismo esportivo e político, possibilitando aumentar ainda mais a legitimidade do *JS* em se aproximar da esfera política, inclusive para além do campo esportivo. Importante perceber que ainda assim, ou seja, apesar destas aproximações entre o jornal/empresa e as instituições de poder, uma das características mais relevantes em suas páginas e que atravessavam a preocupação de vários cronistas era a prática do denunciamento que iremos tratar logo adiante. Em nome da organização e da disciplina dos esportes na sociedade carioca, em várias oportunidades percebemos que o *JS* se auto-intitulava como defensor dos interesses dos cidadãos, cobrando das autoridades públicas e das associações esportivas as devidas providências para a resolução de algum problema ou situação irregular na visão do jornal, ou melhor, nos diversos e diferentes olhares de seus autores/cronistas.

Para que possamos compreender o caráter erudito deste grupo de autores, trazemos um exemplo logo abaixo, uma crônica de Manoel Vargas Netto, que trata da participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de futebol em 1954, na Suíça:

Aviso aos Navegantes...

Na porta dos estádios suíços há um farol vermelho para os “penetras”... Naquele mar de gente não há lugar para os que chegam sem ingressos e não tiverem função definida nos quadros pré-estabelecidos pela entidade organizadora! Essa história de convidados pela C.B.D. lá não pega. Lá é tudo bem organizado e sério...

Talvez prevendo a facilidade com que certa classe de “penetras” poderia conseguir títulos de repre-

⁹De acordo com Hollanda, a indicação ao cargo no CND teria se realizado por intermédio do literato Carlos Drummond de Andrade, conhecido de José Lins e Chefe de Gabinete do Ministro Gustavo Capanema.

¹⁰ANTONIO OLINTO. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-olinto/biografia>>. Acesso em: 16/06/2016. Neste *site* da Academia Brasileira de Letras podemos conhecer uma breve biografia de Olinto, tendo em vista que era integrante da ABL desde 1997.

sentantes de jornais, a Federação Suíça estabeleceu um limite para os representantes credenciados. Preenchido o limite, o resto sobra...

Também as Delegações oficiais foram limitadas. Não poderão entrar mais de vinte e cinco pessoas, discriminando o aviso: vinte e dois jogadores, o técnico, o médico e o chefe da delegação. Esqueceram até do massagista! Quem sabe se não foi de propósito para evitar as “fitas” de jogadores, os “pombos correios” e outros truques!?!...

Outro que não entra na relação é o roupeiro. Cada jogador que leve o seu material, como fazem os de lá. Pelo jeito que ia essa andança por aqui, a qualquer momento apareceria uma lista de secretários para cada atleta e uma outra de “Valets de Chambre”... Assim como os famosos toureiros espanhóis... Um criado para vestir, outro para despir, mais um para levar a capa, e os secretários que atendem a correspondência...

Vai sobrar muita gente! Na Suíça não há mais lugar nem para vender! Que dirá para dar!?!...

Os torcedores e candidatos a organização de torcidas, que pretendem agir na Suíça como se fosse aqui no Maracanã, estão redondamente enganados, lá tudo é proibido. O permitido já está esgotado e custa muito dinheiro. Além disso o dinheiro deles é forte: um franco suíço está por quinze cruzeiros...

O melhor mesmo é acalmarem os gênios e ficarem por aqui torcendo no rádio. A Suíça é um país pequeno que tem milhares de turistas de todas as nacionalidades. Imagine-se agora, com o campeonato de football mundial, as duas conferências internacionais de Genebra a grande Feira e Exposição Internacional de Zurique, além das reuniões de Berna e de Basileia!... E de caro! Pois a Suíça é como as nossas estações de água aqui no Brasil: tudo organizado para explorar o turista. E tudo feito tecnicamente, com método, com ciência e com arte...

Como é que vai ser?! Como estará aquilo cheio?!

Há estreitos baixios, rochedos submersos, arrecifes perigosos e correntes traiçoeiras. Há perigo até de icebergs! Cuidado, navegantes!

Deixem o “nariz de folha” por aqui mesmo... (VARGAS NETTO: 20/05/1954, p. 5)

O autor, notadamente um intelectual ufanista em seus textos desde o período político anterior (com o autoritarismo do regime Vargas), apresenta na crônica supracitada uma crítica à organização da Copa do Mundo de 1950 e às autoridades brasileiras. Vargas Netto deixa de lado a hipervalorização da nação e de

suas representações culturais para propor um foco na capacidade europeia de realizar um evento baseado na organização e disciplinarização do esporte e da sociedade.

Para o cronista não havia espaços no mundo esportivo para situações como a prática do “penetra” ou das “fitas” dos atletas. Ou seja, a visão do autor corrobora uma ideia de esporte “impecável”, heróico e puro, onde o anti-jogo, a indisciplina ou a “malandragem” deveria ser condenada. E ainda condenava a existência dos “pombos-correios”, personagens que eram integrantes da comissão técnica ou simplesmente assessores eventuais que tinham a missão de entregar bilhetes para os jogadores, oriundos de suas respectivas famílias ou de romances e casos dos mesmos. Tratava-se de uma clara referência a uma possível falta de concentração dos atletas que disputaram a final em 1950 contra o Uruguai. Observem que não se tratava apenas do comportamento dos atletas, mas dos demais protagonistas do campo esportivo, como a imprensa especializada, comissão técnica, equipe de apoio, por exemplos.

Também chamava a atenção a sua associação discursiva ao tratar a organização suíça (e, portanto, europeia) sobre a forma de lidar com o evento de forma metódica, “com ciência e com arte”.¹¹ Por mais que na ocasião a organização da Copa de 1950 fosse exaltada como um símbolo da modernidade brasileira, agora, em 1954, e principalmente com as imagens da derrota no campo de jogo, a comparação, pelo menos do ponto de vista das instituições organizadoras, era evidente e tratada de forma hierarquizada. A Suíça, de acordo com o autor, mostraria ao Brasil como organizar um evento do porte da FIFA, por exemplo.

Como parte sugestiva de sua erudição, e característica importante de suas crônicas, Vargas Netto apresentava um rol de elementos culturais. Aqui, especificamente, temos a referência ao universo das touradas, atividade de entretenimento e da cultura da Espanha, por exemplo. Outra apresentação significativa de destaque lidava com a geografia a ser percorrida pelos viajantes brasileiros: “estreitos baixios”, “rochedos submersos”, “arrecifes perigosos”, “correntes traiçoeiras” e “icebergs”. Na verdade, os “desafios naturais” eram metáforas interessantes para

¹¹ Mesmo quando o autor utiliza a expressão para comunicar o alto custo de participação na Copa do Mundo na Suíça, o faz de forma a exaltar a capacidade de gestão do turismo deste país.

os obstáculos apresentados pelo autor ao longo do texto, como a disciplina e o combate aos “penetras”, a limitação na entrada, os preços caros dos ingressos, o alto valor financeiro dos custos da viagem com passagens e estadias. Finalmente, e não menos importante, cabe uma clara referência ao veículo de comunicação “irmão” no campo esportivo: o rádio.

Outro grupo importante no *JS*, o segundo de nossa análise mais geral, era formado por jornalistas e repórteres que já tinham uma determinada experiência na área. Era o caso de Geraldo Romualdo da Silva, que atuara como repórter desde o início do jornal e já em 1938 era o correspondente internacional para grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo de futebol na França. Era também jornalista de redação e repórter de *O Globo* e da *Rádio Globo* e tornava-se um dos funcionários mais próximos do diretor e proprietário do jornal, Mário Filho. Seu discurso era bem objetivo, com uma narrativa mais voltada para o jornalismo exercitado nas grandes redações da cidade do que de seus colegas cronistas. Uma de suas principais características, aliás do próprio jornal, era a defesa do clubismo. No seu caso, um clubismo mais voltado para as paixões clubísticas do que pela importância institucional do clube, da associação ou agremiação esportiva, outra vertente de análise que esta palavra nos oferece no contexto do *JS*.

Um segundo representante deste grupo é o jornalista Everardo Lopes, que já constava da equipe do *JS* pelo menos desde o dia 4 de outubro de 1931, no cargo de redator subsecretário.¹² Como era comum entre os jornalistas mais experientes no jornal, e que contavam com a confiança de Mário Filho e da família Rodrigues, Lopes acumulou várias funções ao longo de sua trajetória na empresa. Assumira ainda as funções de secretário, administrador de empresa, jornalista, cronista, correspondente internacional e redator chefe. Durante a Copa do Mundo de 1950, além do *JS*, trabalhou como comentarista da *Rádio Mayrink Veiga* (HEIZER: 2001, p. 82).¹³

Apesar de não ter uma formação específica na área literária, possuía uma identidade discursiva

baseada no hibridismo (própria do gênero crônica) bem apurada, misturando fatos simples e objetivos com uma linguagem bem popular. Na década de 1950, com uma experiência acumulada no trabalho de redator e redator chefe, investia em um discurso cada vez mais criativo e imaginativo sobre o universo do futebol, principalmente nos torneios, campeonatos e jogos do Rio de Janeiro. Assim como os demais cronistas, momentos eventuais como Copa do Mundo e Copa Rio (ambas de futebol) estimulavam a criação de textos envolvendo temas em torno dos jogos, fugindo da mera cobertura das partidas, investindo na cidade, na torcida, no clima, enfim, em tudo que pudesse conseguir um debate novo para ser explorado pelo jornal.

Apesar de defendermos a tese de que os cronistas do *JS* tinham um alto grau de autonomia em seus estilos e temas de defesa, reconhecemos que este segundo grupo possuía uma relação mais próxima com a direção da empresa, tendo que alinhar muitas das vezes a posição do jornal e de seu diretor. Situação interessante que também era vivida pelos próprios integrantes da família Rodrigues, como no caso de Mário Júlio Rodrigues.

Mário Júlio era filho de Mário Filho e herdeiro da empresa. Como tratamos no início deste artigo, era bem menos experiente do que os demais colegas de trabalho na redação, mas procurava alcançar um espaço maior entre os pares, ao praticar um discurso mais criativo e combativo em determinadas questões.¹⁴ Ou seja, adequava uma postura mais polêmica à medida que precisava ocupar os espaços no jornal, como a de um cronista. Todavia, no conjunto da sua obra nesta função e, principalmente por administrar problemas com alcoolismo e com a pressão da obrigação de suceder seu pai, Mário Júlio produziu textos mais burocráticos e informativos, salvo em momentos de euforia esportiva, como nas Copas do Mundo da FIFA, por exemplo.

Para reconhecermos o terceiro grupo de cronistas do *JS*, podemos citar dois de seus principais autores: Álvaro do Nascimento e Thomaz Mazzoni. Todavia, há uma clara diferença entre os dois. O primeiro atuava no jornal e era um dos mais produtivos cronistas do *JS*, pois tinha uma coluna diária durante décadas (desde os anos 1940). O segundo era um

¹² Conforme os créditos que apareciam na edição nº 174 do *JS*.

¹³ De acordo com Couto, a participação dos jornalistas em mais de um veículo de comunicação/empresa era importante não apenas para a ascensão social dos profissionais de imprensa, mas uma forma econômica de dividir despesas em casos específicos da cobertura de grandes eventos esportivos. Ver: COUTO, André Alexandre Guimarães. 2016. *op. cit.* p. 174.

¹⁴ Vide, por exemplo, a ironia em relação ao discurso pessimista da narração radiofônica na cobertura da participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958.

importante cronista de São Paulo e tornava-se um colaborador do jornal, por convite de Mário Filho.

Álvaro do Nascimento assinava seus textos como “Zé de São Januário” e sua coluna se chamava “Uma pedrinha na shooteira”, um nome declaradamente escolhido para anunciar o objetivo da mesma: era um dos autores que mais praticava o denunciamento. Como nós já apontamos, esta era uma das principais características discursivas dos cronistas do período ao lado do clubismo. Por meio de sua coluna, discursava invariavelmente contra os dirigentes esportivos e demais autoridades políticas acerca da gestão e da infraestrutura do esporte do Rio de Janeiro. Não media ironia e sarcasmo, inclusive para provocar seus colegas cronistas do jornal, procurando um diálogo intersubjetivo na construção de representações sobre o esporte e a cidade. Apesar do pseudônimo e de ter escrito uma coluna social do Vasco da Gama na década de 1940 (chamada de “O Vasco em dia”), não era um defensor ferrenho deste time em comparação com os demais. O que o caracterizava melhor era a produção de textos que reivindicava um papel mais adequado para os demais esportes praticados na cidade para além do futebol. Ou seja, Nascimento aproveitava inclusive os momentos de cobertura dos Jogos Olímpicos para cobrar espaços físicos e institucionais para esportes como a natação e o basquetebol, por exemplo, e reclamava do excesso de preocupação e de notícias acerca do futebol que, segundo ele, trazia poucos resultados internacionais para o país. Sua coluna também ganhou espaço importante no meio radiofônico, a partir de 1952, quando participava da emissora *Rádio Clube do Brasil* (NASCIMENTO, 3/01/1952, p. 2).

Como exemplo deste estilo de conteúdo e de narrativa, trazemos para a nossa análise o seguinte texto que reproduz em grande medida algumas de suas principais características como cronista do *JS*:

(...) Criaram-se ídolos de barro no football profissional. Há mais crentes no football que nos terreiros de macumba. E a crença é tão grande, que se confunde football com os sentimentos mais puros do patriotismo.

Remo, atletismo, tennis, natação e todos os esportes amadoristas, praticados com fins eugênicos e não com intuito de lucros, andam por aí ao Deus dará sem provocarem as explosões do sentimento patriótico.

Os “patriotas” do esporte são os jogadores de football profissional, os seus técnicos, médicos, massagistas e até diretores especializados...

As “tournées” artísticas do nosso football profissional são mais aclamadas do que Radamés após o seu triunfo sobre os etíopes.

O football profissional, fez crentes e fanáticos que às vezes se degladiam como se estivessem nas lutas das Santas Cruzadas.

Há centenas de clubes pelo Brasil afora que praticam, apenas, o football profissional e se inculcam batalhadores em prol da eugenia da raça!

Uma coisa maravilhosa!...

Se o Prefeito João Carlos Vital construir a raia Olímpica e ceder os terrenos aos clubes náuticos de Santa Luzia, terá prestado um grande serviço ao esporte da Metrópole.

Até agora, o que se tem feito, apenas beneficiou os artistas do football profissional. Se o Prefeito João Carlos Vital, levar à frente os seus propósitos, poderemos dizer: O remo já tem espaço Vital... (NASCIMENTO, 3/08/1952, p. 10)

Este trecho da crônica provocativa de Álvaro do Nascimento fazia uma crítica de vanguarda quando apontava os exageros provocados pela ideia de que o futebol significava uma representação da nação ou da pátria. Para tanto, faz um apelo direto ao prefeito João Carlos Vital para que o governo municipal investisse nos clubes de remo, com o objetivo desta prática ser, de forma eugênica, umas das modalidades de aperfeiçoamento da saúde do povo carioca. Citava ainda, em outro trecho da crônica, que esportes como natação, atletismo, tênis e o próprio remo representavam mais o Brasil do que o futebol, por conta de uma visão eugênica moderna naquela conjuntura histórica, além dos poucos resultados importantes que esta última modalidade trazia. Apesar de outras colunas específicas do *JS* cobrirem outras práticas esportivas para além do futebol (como o turfê, o basquetebol e a natação), estas não tinham o vigor ácido das palavras de “Zé de São Januário”, muito menos a periodicidade diária da publicação de sua coluna.

Já Mazzoni, também conhecido pela alcunha de “Olimpicus”, como já informamos, era muito mais um colaborador do *JS* pois seu local de atuação era a cidade de São Paulo, onde chefiava o jornal *A Gazeta Esportiva* e participava em emissoras de rádio, como a *Cruzeiro do Sul* (RIBEIRO, 2012). Este “intercâmbio”

entre Rio de Janeiro e São Paulo era uma promessa estratégia de ampliação da repercussão das obras destes autores e, por consequência, das empresas em que atuavam. *Olimpicus* era inclusive considerado um dos principais cronistas esportivos de São Paulo e de forma simbólica uma das lideranças da área nesta cidade.¹⁵

Era o defensor da união dos clubes e da seleção brasileira, expurgando em suas colunas sentimentos clubísticos que pudessem se sobrepor ao interesse mais geral e nacional do futebol. Interessante é que *Olimpicus* escrevia seus textos, quase teses, em um periódico cuja característica era, dentre outras, a de valorização do clubismo, entendendo este conceito de forma mais ampla, ou seja, tanto no aspecto da paixão e da rivalidade entre os clubes, mas também no âmbito da capacidade organizativa, disciplinada e institucionalizada dos esportes.

Tinha um discurso de ampla defesa do selecionado nacional de futebol e comporia uma ala do *JS* que desafiava outros cronistas no debate acerca das modernas táticas de jogo deste esporte.¹⁶ Portanto, tinha uma visão mais conservadora e tradicionalista da modalidade, principalmente quando o tema era a seleção brasileira. Uma das proximidades com o próprio Mário Filho era a posição de criar representações míticas e pseudo-históricas sobre o futebol brasileiro, tornando-se um memorialista do esporte nacional.

Finalmente, chegamos ao último grupo que selecionados em nossa pesquisa, a partir de nossa própria classificação: a das raras mulheres que escreviam no *JS*, disputando espaços com uma grande maioria de homens que se debruçavam sobre um campo esportivo igualmente masculino. Desta forma, destacamos duas cronistas: Florita Costa e Inah de Moraes. Apesar da importância social de sua participação no jornal, representando o sexo feminino, sua chegada até a empresa tem muito a ver com a relação social e profissional de seus maridos. Mas, também tem muito

mais a ver com suas militâncias esportivas em suas respectivas áreas de atuação.

Florita Costa, por exemplo, chegara ao *JS* por estes dois motivos: por ser esposa de Flávio Costa, importante treinador de futebol de clubes cariocas como Flamengo e Vasco, sem falar na seleção brasileira (fora o técnico na campanha na Copa do Mundo de 1950); e também por participar da vida social e política do Flamengo, clube da qual era apaixonada. Tornava-se, então, representante da ala que defendia o clubismo da forma mais “pura”: as paixões, rivalidades e sentimentos que as agremiações esportivas poderiam oferecer aos seus torcedores. Não por acaso fora convidada para escrever em uma coluna social destinada ao Flamengo denominada “Diário do Flamengo”.¹⁷

Posteriormente, assumiria outra coluna, mais subjetiva e criativa chamada “O meu comentário”. Neste caso, propunha uma análise mais autoral e pessoal sobre o futebol, em especial ao Flamengo. Apesar de sua influência no meio político e social da cidade, e do seu alto grau de autonomia narrativa, Florita invariavelmente incluía seu marido (Flávio Costa) em seus textos, seja no aspecto da defesa do seu trabalho, seja no fato de narrar alguma história quase como se fosse uma dupla.

Outra mulher que escrevia para o *JS* era Inah de Moraes. Casada com Prudente de Moraes Neto, jornalista e neto do ex-presidente Prudente de Moraes (1894-1898).¹⁸ Inah escrevia uma coluna sobre o hipismo chamada “Rondó dos Cavalões”, que também era publicada no jornal carioca e popular *O Dia*.¹⁹ Proprietária de haras em Itaipava (região serrana do Rio de Janeiro), Inah tinha um discurso em favor da melhor organização do esporte e utilizava suas crônicas em ambos os jornais para se dedicar ao ataque

¹⁵ Ver por exemplo a crônica de Vargas Netto sobre o embate entre o jornalismo esportivo de Rio e São Paulo, principalmente ao apelo feito à Mazzoni para ponderar com seus colegas da capital paulista. VARGAS NETTO, Manoel. Espírito Esportivo e Sentimento da Pátria. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 4.680, 16 de novembro de 1944. p. 1. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

¹⁶ Destaque para o debate com Albert Laurence, um cronista francês de futebol internacional que também fazia parte do grupo que escrevia para o *JS*. Ver em: MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). “Grandes” e “Pequenos” serão sempre “Grandes” e “Pequenos”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.135, 29 de novembro de 1952. p. 5 e 8.

¹⁷ Como já observamos, o jornal desde sua fundação em 1931 tinha a estratégia de publicar colunas sociais sobre os principais clubes do Rio de Janeiro e também de clubes de bairros, como o Olaria, por exemplo. As informações eram voltadas para as festas, celebrações, além de informes sobre os jogos e treinos dos clubes. Ver em: COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

¹⁸ Prudente de Moraes Neto adotara o pseudônimo de “Pedro Dantas”, e escrevia para o jornal *Diário Carioca*. Sua crônica era voltada para o cronismo esportivo e de acordo com Luís Nassif, sua esposa o assessorava em assuntos ligados ao hipismo. Ver em: NASSIF, Luís. *O cronista do Rio*. Disponível em: <<http://jornalgnn.com.br/blog/luisnassif/o-cronista-do-rio-0/>>. Acesso em: 6/07/2016.

¹⁹ O nome é uma referência ao poema “Rondó dos cavaleiros” de Manuel Bandeira, de quem era amiga pessoal.

aos seus rivais políticos nas associações e clubes de turfe. Desta forma, se alinhava com a política editorial do *JS* na prática do denunciamento, apesar dos interesses particulares envolvidos diretamente em sua atuação no campo esportivo.

Pertencia a um círculo social e cultural do qual conviviam Manuel Bandeira e Cândido Portinari, por exemplos. Uma influência importante na tarefa de se aventurar na construção de textos no limite entre o jornalismo e a literatura.

No contexto de uma sociedade onde a mulher tinha poucas oportunidades para atuar nos jornais, Florita e Inah abriam espaços significativos para a participação feminina no cronismo esportivo, área que inclusive nos dias atuais ainda é bastante masculina.

Portanto, em caráter conclusivo deste artigo, chamamos a atenção para a importância da identificação dos estilos discursivos destes autores e autoras e sua respectiva classificação (com todos os limites de qualquer categorização). Mais do que uma mera separação de discursos e narrativas, verificamos uma diversidade de origens, atuações sociais e profissionais, além do gênero. Tal trabalho possibilitou enxergar que o hibridismo entre o jornalismo e a literatura se fez presente nos cronistas (em alguns em doses maiores do que outros), orientando-nos a pensar sobre os avanços da própria imprensa esportiva em momentos de atuação do rádio e de uma onda “neutra”, “objetiva” e “imparcial” que avançava nas principais redações dos grandes centros urbanos do país. Como mote conclusivo de nosso trabalho, esta pesquisa apontou para duas questões centrais que vislumbramos em nossa tese de doutorado: a primeira é de que o *JS*, por meio de seus diversos cronistas e uma complexa rede de estilos discursivos e narrativos, realizava a defesa do clubismo e do denunciamento. Entendemos o clubismo não apenas pela defesa dos principais clubes da cidade, tentando vender o jornal para os torcedores e aficionados pelas paixões que os seus times poderiam oferecer. É também um discurso em prol da organização do campo esportivo em instituições, agremiações, associações e federações que pudessem regularizar a prática dos esportes. É uma defesa do enquadramento e da disciplinarização social do campo.

Por outro lado, o caráter denunciante do jornal, por meio de seus cronistas, tinha o objetivo de adotar um tom de cobrança e de persuasão da imprensa diante do dirigismo esportivo (do qual muitos dos

próprios cronistas faziam parte) e político com fins de ampliação e aperfeiçoamento dos espaços físicos e institucionais do campo esportivo. Para exemplificarmos este discurso em torno destas duas características, trazemos o texto de João Machado, que apesar de não incluímos em nossa classificação geral por optarmos pelos cronistas que tinham maior regularidade na publicação de seus textos, achamos por bem apontar o trecho de uma crônica específica que sintetiza bastante o espírito do jornal:

(...) O fato, porém, é que o crescimento da área habitada no Rio de Janeiro continua a ser feito desordenada e criminosamente.

Em qualquer parte das zonas suburbana ou rural, continuam a ser feitos loteamentos de grandes extensões, permitindo-se a abertura de ruas estreitas ao lado do incompreensível desaparecimento da zona rural, hoje, transformada em grande parte, em residências para “weekend” ou mesmo domicílios de famílias modestas. (...)

É chegado o momento, portanto, de impedir que a cidade continue a crescer desordenadamente em superfície, ou, pelo menos, que se proíba a abertura de ruas de menos de vinte metros de largura, exigindo-se, a existência de praças ajardinadas no centro de cada área, loteada e, o que é muito mais importante para os desportistas, reservando-se sempre o espaço necessário para a instalação de campos de desportos que compensariam o desaparecimento de mais de trinta pequenos clubes amadoristas, de cujas praças de desportos foram criminosamente arrancados, perdendo anos de trabalho e sacrifício, sem qualquer espécie de indenização, ante a incompreensível indiferença dos poderes públicos. (...) (MACHADO, 28/06/1951, p. 5)

Sob um aspecto bem elitista, o autor ignorava a relação entre o crescimento da cidade e as dificuldades sociais pelas quais passava a população carioca, inclusive com o problema central apontado nesta crônica que era a habitação. Sua crônica, de caráter denunciante, apontava para que o poder público intervisse na estrutura urbana e fazia também ao mesmo tempo uma defesa dos clubes enquanto conservadores de uma ordem eugênica e disciplinada socialmente. Saúde e lazer seriam pontos de trincheira social contra a desordem da ocupação da cidade, a partir da leitura deste autor. De acordo com Couto,

(...) Cabe pensar também que esta defesa em torno dos clubes amadores pequenos não estava descolada

de uma lógica desenvolvimentista de sociedade que proporcionava uma busca pelo movimento de participação comunitária que não ousasse romper com as estruturas de classe, nem com o sistema de produção e de trabalho, muito menos com as formas de institucionalização da dominação social (COUTO: 2016, p. 300).²⁰

Refletir sobre o papel denunciante do jornal, envolvendo os clubes ou não, não significa pensar no *JS* como um jornal de causas populares, mas de um veículo que apontava para uma visão de cidade e de sociedade que se aproximava mais de uma local de exclusão e de ordenamento social, tendo o esporte um viés, uma ferramenta forte deste controle.

Por fim, e recuperando a segunda questão apontada anteriormente, devemos refletir sobre a mítica ideia de que Mário Filho teria reinventado o cronismo esportivo brasileiro. Ao estudarmos uma miríade de autores diversos que se alinhavam ou debatiam os temas do esporte e, conseqüentemente da própria sociedade, percebemos que a crônica se consolidou no *JS* e na cidade do Rio de Janeiro por conta da obra de cronistas de origens e estilos discursivos distintos. Além de sua produção jornalística, Mário Filho atendeu, como gestor de uma empresa de comunicação, a necessidade de criar uma ampla equipe de autores que pudesse tornar seu jornal um grande destaque na imprensa esportiva nacional. Neste ponto, foi muito bem-sucedido. Todavia, compreender que os avanços neste campo da comunicação se deveram exclusivamente ao seu brilhantismo narrativo é um exagero sem apoio empírico a não ser se levarmos em conta uma memória ahistórica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

²⁰ Corroborando com esta tese, concordamos com Souza: ““(…) Nas décadas de 1950 e 1960, a participação comunitária foi utilizada como dispositivo de controle do Estado em relação aos aglomerados urbanos, como mecanismo de controle social.” Ver em: SOUZA, Rodriane de Oliveira. Participação e controle social. In: SALES, Mione Apolinário; MATOS, Maurílio Castro; LEAL, Maria Cristina (Org.). *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. São Paulo: Cortez, 2004. P. 167-187.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRITO, Mário da Silva. Vargas Neto. In: *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)**. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

_____. **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História.

HEIZER, Teixeira. **O Jogo Bruto das Copas do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. Edição atualizada 2001. P. 82.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História**. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: GASPAR, Nádia Regina e MILANEZ, Nilton (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. P. 95-102.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noite de Futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SOUZA, Rodriane de Oliveira. Participação e controle social. In: SALES, Mione Apolinário; MATOS, Maurílio Castro; LEAL, Maria Cristina (Org.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2004. P. 167-187.

FONTES:

LOPES, Everardo. Mão à Palmatória. Conversão de um descrente. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 8.845, 5 de julho de 1958. P. 5.

MACHADO, João. Novas praças de desportos. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). “Grandes” e “Pequenos” serão sempre “Grandes” e “Pequenos”. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.135, 29 de novembro de 1952. P. 5 e 8.

NASCIMENTO, Álvaro do. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.857, 3 de janeiro de 1952. P. 2. Coluna O Vasco em Dia.

_____. (Zé de São Januário). *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 de agosto de 1952. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

RODRIGUES, Mário Júlio. A grande dúvida. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.824, 10 de junho de 1958. P. 5.

_____. Os Urubus passam fome. Mas outros engordam e tomam banho de piscina. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.825, 11 de junho de 1958. P. 4.

VARGAS NETTO, Manoel. Espírito Esportivo e Sentimento da Pátria. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 4.680, 16 de novembro de 1944. P. 1. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Aviso aos Navegantes... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.581, 20 de maio de 1954. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.